

O USO DOS ÍCONES EM REDES SOCIAIS NO LETRAMENTO DE PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS

THE USE OF ICONS IN SOCIAL MEDIA IN PORTUGUESE LITERACY AS A SECOND LANGUAGE FOR THE DEAF

Jasmin Caroline de Lima¹

Universidade Federal de Goiás

Eliane Marquez da Fonseca Fernandes²

Universidade Federal de Goiás

Edna Silva Faria³

Universidade Federal de Goiás

Resumo: As redes sociais têm destaque como plataformas de comunicação e interação social, por meio da participação dos indivíduos. Esse contexto inclui os surdos e este trabalho busca expor como os ícones presentes em aplicativos de redes sociais podem contribuir com o multiletramento de alunos surdos, além de possibilitarem o letramento da língua portuguesa como segunda língua. O objetivo é analisar quais são os recursos visuais utilizados para a interação e refletir em como podem colaborar para a educação bilíngue, no contexto de interação entre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e o Português. O embasamento teórico adotado para a fundamentação do trabalho é composto por estudos realizados por Soares (2009), Kleiman (2005), Rojo (2016), Bakhtin (2016) e Santaella (2006). A metodologia empregada é a da abordagem qualitativa, de natureza aplicada e exploratória, e investigamos a relação entre as redes sociais na comunidade surda e como o português se insere nessa perspectiva, pela coleta e análise de ícones presentes no *Instagram*, *TikTok* e *Youtube*, por meio da análise dessas conexões. Os resultados demonstram que as redes fazem um uso criterioso dos recursos visuais provocando maior familiaridade em seus usuários.

Palavras-chave: Redes sociais; Letramento; Português; Surdos.

Abstract: Social networks have become increasingly prominent as communication and social interaction platforms. This context also includes deaf people, as they have also positioned

¹ Jasmin Caroline de Lima – Mestre em Letras e Linguística pelo Programa de Pós-Graduação (PPGLL) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG); Goiânia-GO; e-mail: jasminlima@discente.ufg.br.

² Eliane Marquez da Fonseca Fernandes – Doutora em Linguística. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras (PPGLL) da Universidade Federal de Goiás (UFG); Goiânia-GO; e-mail: eliane@ufg.br.

³ Edna Silva Faria - Doutora em Linguística. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGLL) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG); Goiânia-GO; e-mail: edna_faria@ufg.br.

themselves on various digital channels. Therefore, this work seeks to expose how icons present in social media applications can contribute to the multiliteracy of deaf students, in addition to enabling literacy in Portuguese as a second language. The objective is to analyze which visual resources are used for interaction and reflect on how they can contribute to bilingual education, in the context of interaction between Brazilian Sign Language (Libras) and Portuguese. Our theoretical basis is made up of Soares (2009); Kleiman (2005); Rojo (2016), Bakhtin (2016) and Santaella (2006). The methodology is a qualitative approach, of an applied and exploratory nature. The methodological path was based on a review of the literature on the use of social networks by the deaf community and its relationship with teaching. We have collected and analyzed icons present on Instagram, TikTok and Youtube. The results demonstrate that networks make judicious use of visual resources, causing greater familiarity among their users.

Keywords: Social media; Literacy; Portuguese; Deaf.

Texto de autor convidado.

Introdução

Atualmente, as redes sociais têm sido uma ferramenta de comunicação entre as relações sociais de toda a sociedade. Este trabalho visa compreender quais são as estratégias utilizadas para que haja a interação do maior número possível de pessoas e como a acessibilidade é conduzida nesse processo. Além disso, esse fenômeno deve ser estudado, analisando como as pessoas se engajam e se expressam por meio dos recursos visuais nas plataformas digitais. Logo, este texto explora o letramento, abordando suas implicações socioculturais na comunidade surda e sua influência no desenvolvimento das habilidades de escrita e comunicação dos usuários.

Nossa perspectiva teórica parte de uma abordagem linguística utilizando, sobretudo, os conceitos de Letramento abordado por Soares (2009), Kleiman (2005) e Rojo (2016); das concepções de signo e da atitude responsiva propostas por Bakhtin (2016) e das definições de ícone realizadas por Peirce (Santaella, 2006). A análise é embasada na compreensão das dinâmicas comunicativas emergentes, nas práticas de linguagem dos usuários e no contexto sociocultural em que essas interações ocorrem, neste caso, no da comunidade surda. São poucos os estudos que tratam prioritariamente do aspecto visual das redes sociais, sendo grande parte voltada para o *design*, embora esse seja um aspecto que também pode e deve ser considerado por meio das teorias linguísticas propostas. Há ainda o aspecto didático das redes sociais que permitem acontecer uma reflexão sobre como o êxito desses ambientes digitais podem cooperar para uma atuação docente mais colaborativa na educação bilíngue (Libras/Português).

Nesse contexto, a pergunta central que norteia esta discussão é: Como a visualidade das redes sociais cooperam para o letramento de Português como Segunda Língua para Surdos (PSLS)? Como as redes sociais têm tido êxito em propiciar um espaço de aprendizado aos Surdos? Buscando responder a essa pergunta, utilizamos como metodologia uma pesquisa com abordagem qualitativa, de natureza aplicada e exploratória, visto que é fundamental, inicialmente, investigar a relação entre as redes sociais na comunidade surda e como o português se insere nessa perspectiva, portanto o percurso metodológico é realizado primeiramente pela revisão da literatura acerca das utilizações de redes sociais pela comunidade surda e sua relação com o ensino. A seguir, são selecionadas as redes sociais que passaram à análise dos ícones: *Instagram*, *TikTok* e *Youtube*. A coleta de dados ocorreu por meio da observação direta das redes sociais selecionadas, principalmente dos aspectos não verbais, os ícones de interação que dão espaço à atitude responsiva (Bakhtin, 2016).

Os resultados demonstram que as redes sociais influenciam no letramento dos usuários, em termos de compreensão de mundo e das competências textuais e comunicativas. Ao preencher as lacunas existentes nesse campo, este estudo visa contribuir para professores e estudiosos, colaborando para uma compreensão mais abrangente das complexidades do letramento como segunda língua.

As considerações feitas possibilitam apresentar alguns desafios e possibilidades no uso de ícones no ensino de PSLS e o estudo é pertinente cientificamente pelo fato de que grande parte das pesquisas tem como foco o uso das redes sociais para ensinar, enquanto, neste caso, buscamos investigar e analisar as redes sociais a fim de compreender quais pontos têm sido produtivos para a atitude responsiva e em como podemos utilizá-los na confecção de nossos próprios materiais didáticos, sejam *slides*, livros e/ou *e-books*.

Para tanto, o atual trabalho foi estruturado em seis seções, cada uma com o objetivo de abordar aspectos específicos do tema em análise. A seção atual, constitui as considerações iniciais, na qual é apresentado o propósito do trabalho, bem como as questões de pesquisa que serão investigadas. Em seguida, na segunda seção, são abordadas as concepções de letramento, com o intuito de fornecer um arcabouço teórico que fundamente a compreensão do fenômeno em estudo. A terceira seção concentra-se na relação entre redes sociais e educação de surdos, buscando explorar de quais

maneiras os ambientes digitais podem influenciar o processo de ensino e aprendizagem desse público. Na sequência, na quarta seção, o interesse recai sobre a visualidade dos surdos e como ela se manifesta nas práticas de letramento em redes sociais e dedica-se também à análise do material coletado durante a pesquisa, na qual são identificadas e discutidas reflexões relevantes acerca da interseção dos conceitos de Bakhtin e da Semiótica no entendimento desse fenômeno. O referencial teórico é fundamental para possibilitar a compreensão de que forma tais conceitos contribuem para o letramento de PSLS, considerando as particularidades dos recursos visuais nesse contexto.

Por fim, as considerações finais, sexta sessão, onde são sintetizados os principais pontos encontrados na pesquisa e apresentadas conclusões sobre o tema abordado. Adicionalmente, são delineadas sugestões para futuras pesquisas, a fim de ampliar o conhecimento sobre o letramento em redes sociais no âmbito da educação de surdos.

1. O que é letramento?

Ao explicar o termo letramento e sua origem na palavra inglesa, *literacy*, Soares (2009) menciona que é o estado ou condição que assume o indivíduo que aprende a ler e escrever e que usa essa capacidade em suas interações sociais, entretanto apesar de similar, esse processo não se trata da alfabetização, afinal, implicitamente, "esta a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprende a usá-la" (Soares, 2009, p. 17). Isso demonstra que ser letrado, nas condições atuais, é característica necessária para participação ativa na sociedade, visto que possibilita maior presença nas relações sociais que perpassam todos os seres humanos.

Por sua vez, para definir o termo, Kleiman (2005) inicia pelo que ele não é: não é um método, não é alfabetização e também não é uma habilidade. Segundo a autora, o letramento não é um método, pois há a importância de desvincular-se da ideia de "procura constante do método perfeito" (Kleiman, 2005, p. 11), é preciso que as atividades elaboradas tenham como objetivo principal o de permitir aos aprendizes o conhecimento para agir em situações específicas, quando discorre sobre as proximidades e distanciamentos do letramento e alfabetização: para essa pesquisadora, os dois conceitos são inseparáveis, visto que a alfabetização "é necessária para que

alguém seja considerado plenamente letrado, mas não é o suficiente." (Kleiman, 2005, p. 14). Em terceiro, Kleiman defende que o letramento não é habilidade, embora seja necessário um conjunto de habilidades e competências, pois envolve muito mais do que uma habilidade, mas também uma série de processos e cita, como exemplo, desde a aquisição de um jornal no supermercado até o momento em que lê a primeira página e faz suas inferências sobre o assunto lido, desse modo, letramento está associado a contato, a interação entre sujeito e objeto.

De acordo com Kleiman (2005, p. 21), "o letramento abrange o processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas de escrita nas sociedades". Logo, conforme as mudanças nas várias maneiras de se comunicar, com o advento das redes sociais, ser letrado perpassa por diferentes atuações, inclusive a presença de tecnologia digital⁴ que, por sua natureza, requer outras habilidades para o conhecimento e circulação dos sujeitos nesse contexto. Por sua vez, ao discorrer sobre os novos letramentos, Rojo (2016) determina, com base em outros autores, que eles são "mais participativos, colaborativos, distribuídos; menos individualizados, autorais, publicados; menos dominados por especialistas" (Rojo, 2016, p. 128). Além desses fatores, os ditos novos letramentos incorporam uma nova prática com novos gêneros de discurso e, conseqüentemente, novos procedimentos⁵.

É fundamental um letramento digital em que "o sujeito se aproprie criticamente de novas práticas sociais de linguagem, as práticas digitais (novos letramentos), geradoras de novos gêneros" (Nogueira; Fernandes, 2020, p. 63). O ensino precisa ser contextualizado dentro dessas novas formas de se comunicar. Nesse

⁴ Segundo Ana Elisa Ribeiro, do CEALE, "tecnologia digital é um conjunto de tecnologias que permite, principalmente, a transformação de qualquer linguagem ou dado em números, isto é, em zeros e uns (0 e 1). [...] Com a tecnologia digital, foi possível descentralizar a informação, aumentar a segurança de uma série de dados fundamentais e criar muitas outras tecnologias. A tecnologia digital é contraposta à tecnologia analógica, que dependia de meios materiais para existir". <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/tecnologia-digital>

⁵ Um exemplo disso é o fato de que o ambiente digital possibilita com que mais pessoas possam se expressar e se identificar, por apresentar mais recursos e favorecer a interação por meio de estratégias diferentes do que encontramos em uma tecnologia analógica. com mais recursos e possibilidades, amplia-se também o alcance, permitindo também o fortalecimento da comunidade surda por meio da identificação. Ressaltamos que, para isso ocorrer, é necessário que os indivíduos tenham não somente acesso à internet e aos aparelhos eletrônicos, mas também que sejam letrados digitalmente, que tenham acesso e saibam como interagir nas redes sociais. Conforme veremos no decorrer deste trabalho, determinada parte dos surdos são letrados ao considerarmos sua presença nos meios digitais.

sentido, vários trabalhos têm tratado da contribuição que as redes sociais têm para o letramento de surdos, como o de Nogueira (2014, p. 21) que explicita: “a internet é vista como espaço potencial para trocas e desmistificador do surdo como aquele que não é capaz de se comunicar”. Em seu trabalho, o pesquisador analisa dois vídeos publicados por surdos no *Youtube*, em que discutem questões de preconceito, possibilitando identificação entre outros surdos e fortalecendo a comunidade surda. Para Barton e Lee (2015, p. 24), estudos de letramento constituem-se como

uma teoria sociocultural de leitura e escrita de 'nível médio', que parte do que as pessoas fazem com a linguagem escrita em suas vidas. Ela examina em detalhes as práticas sociais mais amplas, observando que muitas delas contêm textos de algum tipo e que vivemos num mundo social textualmente mediado (cf. capítulo 3), onde os textos são parte do tecido da vida social. Nessa abordagem sociocultural da linguagem escrita, o letramento é uma atividade social, e a melhor forma de descrevê-lo é em termos de práticas de letramento de pessoas. Essas práticas se baseiam em eventos de letramento mediados por textos escritos. (Barton; Lee, 2015, p. 24-25) (grifos dos autores).

Um dos fatores determinantes para que essa seja uma rede em que a participação dos surdos tem acontecido é a proeminência de vídeos, considerando que sua L1 (primeira língua) é a Língua de Sinais Brasileira (Libras), uma língua visual motora espacial. Os vídeos permitem maior visualização da língua do que as fotografias, por exemplo, por não serem estáticos e possibilitarem a identificação de gestos, de movimentos e expressões faciais de maneira ágil. Por sua vez, os aspectos da visualidade na educação⁶ de surdos serão tratados em momento posterior, pois carecem de atenção para explanações acerca de sua especificidade. Ressaltamos que é preciso prosseguir no processo de desmistificação acerca das características de uma educação bilíngue aos surdos. Como o trabalho de Silva e Pereira (2003) demonstra, infelizmente ainda há uma imagem limitada por parte dos professores em relação aos alunos surdos, o que interfere nas expectativas que têm sobre seu aprendizado e elas concluem:

⁶ O que pretendemos destacar aqui é que trabalhos como o de Nogueira permitem vislumbrar como a educação de surdos pode ser realizada com recursos, como o Youtube, permitindo que haja o que a *Proposta Curricular para o Ensino de Português como Segunda Língua para Surdos* (2021) determina: que os surdos “sejam respeitados em suas especificidades: sua cultura, identidade e língua, dando-lhes visibilidade” (FARIA-NASCIMENTO et. al, 2021, p. 35). A pesquisa de Nogueira (2014) trata de um trabalho promissor e, felizmente, não é o único. Nesse sentido, há diversas pesquisas que relacionam os espaços digitais com a comunidade surda, em três aspectos: a relação entre os recursos digitais e o ensino; a escrita do português por surdos nas redes e a presença da comunidade surda no ambiente digital. Passamos a tratá-las a seguir.

Ainda que com argumentos diferentes, todas parecem admitir a sua limitação em possibilitar a aprendizagem do aluno surdo, atribuindo tal fato à falta de conhecimento do professor a respeito da surdez, ao desconhecimento da língua de sinais e à forma como está sendo feita a inclusão do aluno surdo. (Silva; Pereira, 2003, p. 13)

Conforme Oliveira *et al.* (2020), as dificuldades de linguagem contribuem para uma imagem negativa desse público. Nesse sentido, o atual trabalho busca traçar possibilidades para o ensino de surdos, contribuindo para que mais docentes consigam compreender as capacidades e possibilidades das especificidades que os alunos surdos têm, buscando, dessa forma, com que as experiências deixem de acontecer “de forma restritiva e limitada” (Oliveira *et al.*, 2020, p. 38). Para que isso ocorra, é necessário conhecermos mais sobre as especificidades da comunidade surda e também de recursos que possam auxiliar em um ensino mais contextualizado, mas ressaltamos que essas dificuldades dizem respeito não apenas aos alunos surdos, uma vez que nem sempre alunos não surdos e surdos têm facilidade de acesso aos materiais e, sobretudo, às novas linguagens disponíveis, por se constituírem de maneira sincrética, requerendo conhecimentos para acessarem os materiais disponíveis nessas redes. A seguir, discutiremos mais sobre as redes sociais e a educação de surdos.

3 Redes Sociais e a Educação de Surdos

É notória a limitação que surdos encontram para acesso e comunicação por meio de redes sociais, principalmente no que se refere a estudo, e A pesquisa *Tecnologias de Informação e Comunicação* (TIC) Domicílios, do ano de 2021, apresenta, dentre vários dados, informações sobre o acesso, o uso do computador, o uso da internet, as habilidades na internet e o uso do celular pela população brasileira. Essa pesquisa nos permite avaliar se os brasileiros têm acessado, ou não, espaços digitais para se comunicar e realizar outras tarefas.

Sobre o acesso à internet, a pesquisa revela que, no total da população, 86,4% indivíduos já acessaram a internet. Dessa forma, ao calcularmos que a mais recente pesquisa IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) afirma que, no ano de 2022, o Brasil chegou a 207.750.291 habitantes, cerca de 179.395.330 habitantes acessaram a internet, sendo a comunidade surda parte constituinte desse número,

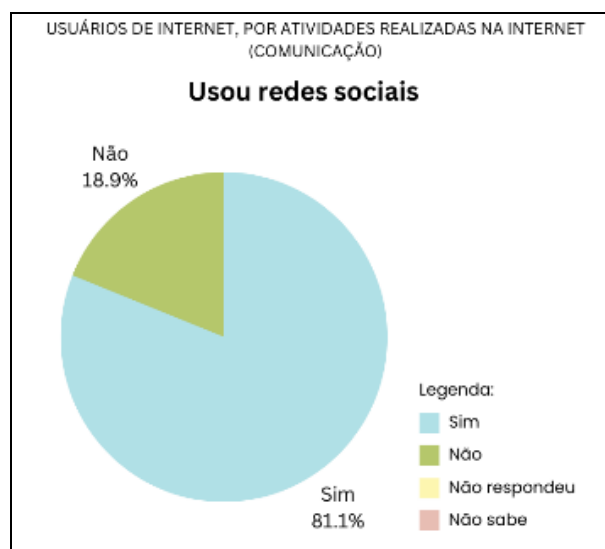
embora seja necessário primeiramente considerar o contexto local da atuação docente, ou seja, da escola ou turma que pretendemos realizar algumas práticas digitais.

Essas informações são pertinentes para refletirmos sobre a importância de os docentes estarem conectados ao contexto extremamente digital, o que demanda preparação para estar a par dos multiletramentos e gêneros discursivos presentes nesses espaços, pois como afirma Ribeiro (2016, p. 26): "O jogo das linguagens na produção (e na leitura!) de textos multimodais é, de fato, um assunto urgente e contemporâneo", assim é fundamental que, tanto o aparelho legislador quanto o aparelho de uso, estejam em consonância quanto à elaboração de leis e normativas para garantirem, com mais qualidade, o acesso e a utilização do material didático disponível. É importante a ocorrência de práticas de leitura e de letramento digital, a fim de minimizar as dificuldades, contemplando um quantitativo maior de estudantes nas habilidades de leitura e escrita, pois as redes sociais são um espaço de interação muito volátil, com mudanças cotidianas e rápidas, desse modo saber como se comportar nesse contexto é fator fundamental para a comunicação, para as relações, para a interação e para a superação dos obstáculos, pois se trata de linguagem e Barton e Lee (2015, p. 13) destacam:

A linguagem tem um papel fundamental nessas mudanças contemporâneas, que são, antes de tudo, transformações de comunicação e de construção de sentidos. A linguagem é essencial na determinação de mudanças na vida e nas experiências que fazemos. Ao mesmo tempo, ela é afetada e transformada por essas mudanças. (Barton; Lee, 2015, p. 13).

Essa reflexão é relevante para uma melhor compreensão em torno das linguagens apresentadas nas e pelas redes sociais, com uma multiplicidade de elementos e estímulos, às quais estamos expostos e com as quais interagimos e sobre as atividades realizadas na internet, a pesquisa também revela dados, no que diz respeito à utilização de redes sociais, conforme os resultados no gráfico 1.

Gráfico 1: TIC Domicílios 2021 (Redes Sociais)



Fonte: Adaptação própria de TIC Domicílios (2021).

No gráfico, percebemos que a parte majoritária dos entrevistados (81.1%) faz uso das redes sociais, enquanto 18.9% não as utiliza como meio de comunicação. Isso demonstra que as redes sociais, dentro do ambiente digital, são um modo de utilizar a escrita socialmente, permitindo concluir que entre as diferentes formas de letramento, saber se comunicar, seja como produtor ou consumidor de conteúdos, é um deles.

Mesmo assim, são várias as pesquisas⁷ que demonstram como os recursos digitais, sejam redes sociais ou não, podem contribuir para a aquisição da segunda língua, no caso, do português. Dentre as mais recentes, há o uso do programa *boardmaker* (Martins; Menezes, 2016), *Storyboardthat* (Almeida *et al.*, 2021) do *Youtube* (Florenciano; Limberti, 2019), do *Facebook* (Claudio, 2016), dentre outros. Acrescentamos Ribeiro (2012), que discorre sobre o uso de *blogs*, fóruns, *wiki* (escrita colaborativa) e legendagem, atividades que podem ser realizadas em diferentes sítios e aplicativos, mesmo com a alteração dos suportes (Marcuschi, 2008), de outros espaços em que seja possível transmitir a mensagem de diferentes formas e configuram-se como um espaço em que, nos dizeres de Barton e Lee (2015), ocorre uma nova combinação de recursos semióticos, pois

⁷ Por outro lado, a pesquisa Tic Educação (2020) revela que, ao serem perguntadas sobre não possuir acesso à internet, por uso de telefone celular, nos últimos 12 meses, cerca de 59.9% das escolas respondem que sim, não possuem acesso à internet; já 39.5% informam que não, logo, que a escola possui acesso, enquanto uma parcela de 0,4% respondeu que "não sabe". Esse resultado demonstra um dos desafios na utilização das redes em sala de aula, uma vez que seu acesso só ocorre com o fornecimento de rede, seja pelos dados móveis ou redes sem fio.

As pessoas mobilizam recursos semióticos disponíveis para construir sentido e afirmar suas relações com os significados expressos. Em particular, elas combinam imagens e outros recursos visuais com a palavra escrita *online*. Novas relações de linguagem e imagem estão se desenvolvendo. A imagem não está substituindo a linguagem; mas estamos percebendo novas formas de esses modos trabalharem poderosamente em conjunto. (Barton; Lee, 2015, p. 33).

Dessa maneira, observamos que os recursos digitais⁸, sobretudo das redes sociais, têm tido determinada medida de êxito em cativar a atenção e proporcionar, de alguma forma, a interação. Haja vista que as redes são majoritariamente projetadas para ouvintes e façam o uso do Português, isso não tem sido um empecilho para que os surdos estejam nesse espaço, visto que, como vimos na seção sobre letramento, uma pessoa pode ser letrada, mesmo que não seja alfabetizada. Outro fator a ser considerado é que “nosso aluno (ouvinte ou não), sendo nativo digital, está em contato permanente com essas tecnologias, o objetivo de integrar as tecnologias ao processo de ensino-aprendizagem, torna o processo mais atrativo e motivador” (Sena; Matos; Cavalcante, 2019, p. 147). Quanto a isso, Barton e Lee (2015) afirmam que

Com as novas formas de participação e diálogo, as pessoas podem ser mais reflexivas, mais conscientes da linguagem e mais tolerantes com as variedades linguísticas. Elas também são mais lúdicas e criativas com a língua, exibindo consciência metalinguística. Essa criatividade tem a ver com o fato de a internet ser um espaço para a mudança linguística. A reflexão e a discussão sobre a linguagem conduzem ao desenvolvimento das virtualidades da linguagem e às maneiras como as pessoas podem empregá-las para agir no mundo. (Barton; Lee, 2015, p. 34).

Se a internet é importante para a reflexão sobre a linguagem e seus usos, a questão dos gêneros textuais é fundamentalmente relevante para esse processo, como Marcuschi determina: “não se pode tratar o gênero de discurso independentemente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas” (2008, p. 155). Os gêneros permeiam todas as nossas atividades humanas cotidianas, tudo que comunicamos se insere dentro de determinado contexto que requer determinado gênero.

⁸ Por outro lado, há também pesquisas que têm como objetivo analisar a escrita do surdo nas redes sociais e em como elas são estigmatizadas (VIANA; LIMA, 2016; MENDES; OLIVEIRA, 2020), em virtude do desconhecimento linguístico, afinal, o Português, em contexto ideal, é a segunda língua do surdo. Também tem sido objeto de diversos estudos a presença da comunidade surda nos espaços digitais, como o trabalho de Fagundes (2021), que mapeia artistas surdos do Brasil e onde encontrá-los virtualmente (nome de usuário e em qual rede social está), salientando a importância que esses artistas possuem para a construção identitária e cultural surda. Outra pesquisa relevante nesse sentido, é a de Esther [et al] (2023) que investiga canais brasileiros de pessoas surdas no Youtube.

O autor ainda adiciona que os gêneros são nossa forma de inserção, ação e controle social, sendo até mesmo exercício de poder, pois “quanto mais dominamos os gêneros, maior é a desenvoltura com que os empregamos [...] mais plena é a forma com que realizamos o nosso livre projeto de discurso” (Bakhtin, 2016, p.41).

Consideramos então que, aos nossos alunos terem acesso e utilizarem os espaços digitais de comunicação, estarão expostos a um maior número ainda de gêneros. Marcuschi, ainda em 2006, percebia algo que se reflete até os dias atuais: “Pessoalmente, trato a internet com um suporte que alberga e conduz gêneros dos mais diversos formatos. A internet contém todos os gêneros possíveis” (Marcuschi, 2006, p. 186). Se a internet é esse espaço que “contém todos os gêneros”, que circulam o tempo todo, de todas as maneiras, é lócus para aprendizagem sobre os gêneros e sobre a linguagem neles empregada, pois como afirmam Barton e Lee (2015):

A participação em atividades online em rápida mudança implica um aprendizado constante, grande parte do qual é informal. As pessoas aprendem de maneiras novas e diferentes; refletem sobre sua aprendizagem e empreendem projetos intencionais de aprendizagem.

Isso significa que é um espaço para reflexividade sobre os modos de aprender e de lidar com essas linguagens, assim é campo fértil para estudos relativos aos modos de aprender também das pessoas surdas. Esse ponto encontra-nos a levantar algumas questões: “Como tem sido a utilização das redes sociais pelos surdos? Como as redes sociais têm tido êxito em propiciar um espaço de aprendizado aos Surdos? De maneira a visualidade das redes sociais pode contribuir com o ensino de PSLS?” Essas indagações são instigantes, pois os textos disponíveis nas redes sociais são múltiplos, compostos por elementos semióticos verbais, visuais, sonoros e, por esse motivo, requerem uma atenção especial, como aponta Ribeiro (2016, p. 34): “Sempre que se precisa compor um texto, considerando-se aqui todas as linguagens que poderiam ser chamadas para essa composição, é importante pensar em seu design e na ‘costura’ entre linguagens e recursos (linguísticos, imagéticos, gráficos) (grifo da autora). Os recursos utilizados para que a maior parte da sociedade esteja presente nas redes sociais podem proporcionar reflexões sobre como incluir também o maior número possível de pessoas em contextos educacionais, sociais e políticos. Além de proporcionar a compreensão de que, para maior participação da comunidade surda, é necessário considerar o papel da

linguagem visual para a construção de significados, conforme veremos na próxima seção.

4. Visualidade na Comunidade Surda

Lidar com textos que reúnem, ao mesmo tempo, diversas linguagens, não é algo tão fácil como comumente costuma-se pensar, pois esses textos multimodais são mais complexos por serem constituídos por infográficos, *emoticons*, ilustrações, tabelas, quadros, portanto requerem uma habilidade na leitura⁹. Nesse aspecto, até mesmo a legislação brasileira ressalta a visualidade como uma característica identificadora, por meio do Decreto nº 5.626, ao definir a pessoa surda como aquela que “compreende e interage com o mundo **por meio de experiências visuais**” (Brasil, 2005, [grifos nossos]). Logo, essa é uma evidência de que a construção e a percepção dos sentidos no mundo ocorrem majoritariamente por meios visuais.

Como reforçado pela Proposta Curricular de PSLS (Faria-Nascimento *et. al*, (2021, p. 11) (grifos nossos): é necessário que se faça uso de “uma metodologia que lhes seja acessível e, por isso, **preponderantemente visual**”. Nesse sentido, o trabalho de Campello nasceu dentro da preocupação de que os sujeitos surdos fossem respeitados em sua subjetividade e identidade, com o reconhecimento de que as relações visuais são essenciais para a construção de sua própria imagem e também do mundo, dentro dos signos visuais.

Um dos trabalhos mais pertinentes a esse respeito é o de Colacique (2018), em que a autora discorre sobre como a cibercultura e a visualidade das redes podem auxiliar a aprendizagem. Ela ressalta que esses espaços têm uma “vocação natural para a inserção do surdo, por dispor de um vasto conjunto de recursos visuais” (Colacique, 2018, p. 79). Ao final do trabalho, destaca que há diferenças entre o professor ouvinte e o professor surdo ao desenvolver sua prática docente: o profissional surdo entende a visualidade como parte estruturante do pensamento, não apenas como uma adaptação

⁹ “Para mim, entretanto, esses sons nunca foram essenciais para a compreensão do mundo, já que cada um deles sempre foi substituído por uma imagem visual, que me transmitia exatamente as mesmas emoções que qualquer pessoa que ouve sente”, essas são palavras que estão na epígrafe do trabalho de Campello (2008), tratando do depoimento de Sérgio Marmora, um surdo que, à época do depoimento elaborado pela esposa que traduziu seus sinais para língua portuguesa, residia no Rio de Janeiro. Esse é um importante relato para a compreensão de como se dá a mundividência dos surdos.

didática (como os ouvintes consideram). Considerando, então, o amplo espectro que a visualidade ocupa nas redes sociais, torna-se campo fértil para a inserção do surdo.

Em um outro trabalho, que consiste em uma Revisão Sistemática da Literatura (RSL), realizada em 2021, sob o tema "Visualidade na Educação de Surdos" (Sansão; Cruz-Santos, 2021), conclui-se que, em consonância aos trabalhos analisados, a imagem é um componente necessário na educação bilíngue, dada a importância dos recursos visuais e de estratégias que valorizem esse aspecto. Por outro lado, pesquisas sobre esse tema ainda são incipientes, o que justifica a elaboração deste trabalho, mediante a proposta de discussão relacionada à inserção do surdo nas redes sociais, mas também requer um processo de letramento nessas mídias digitais.

Logo, considerando que “para o efetivo ensino, é preciso oferecer o maior número possível de textos, de diferentes gêneros textuais e literários para serem explorados pela leitura visual dos estudantes, tomando-se os textos escritos em português como fonte” (Faria-Nascimento *et. al*, 2021, p. 30), expomos, a seguir, as contribuições que o uso de redes sociais pode ter, considerando, sobretudo, os seus aspectos visuais. Para tanto, apresentamos algumas das contribuições que a análise da interface das redes juntamente com as reflexões de Bakhtin e da área Semiótica para o Letramento de PSLS.

5. Contribuições de Bakhtin e da Semiótica no Ensino de Português como Segunda Língua para Surdos

Segundo Bakhtin (2016, p. 27), “todo instrumento de produção pode [...] se revestir de um sentido ideológico”. Para exemplificar, o autor utiliza o exemplo da foice e do martelo como emblema da União Soviética, nesse caso, aplica-se um sentido ideológico, isto é, de signos. Observamos essa ocorrência nos principais ícones de interação das redes sociais, prescrutando a regularidade na presença de determinados signos, analisamos a parte inferior, que possui alguns ícones em comum, de três redes sociais diferentes (*Instagram*, *TikTok* e *Youtube*) que têm predominância visual, dado o fato de que sua utilização ocorre majoritariamente por meio de vídeos e fotos e podemos observá-los nas imagens 1, 2 e 3.

Imagem 1 - Ícones de Interação (Instagram)

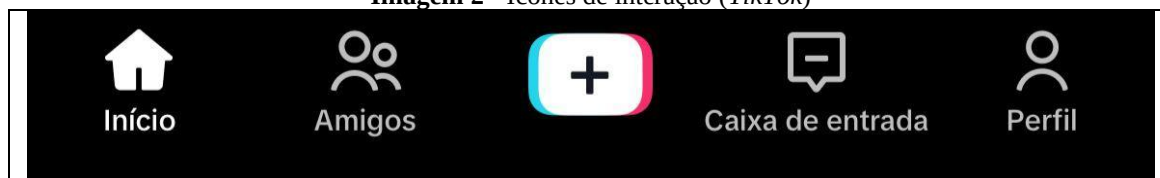


Fonte: Instagram, 2023.¹⁰

Na Imagem 1, identificamos 5 elementos visuais: 4 pictogramas (símbolos) e 1 imagem e cada um deles cumpre um papel específico. Paiva (2016, p. 380) define: “O pictograma, do latim *pinctos* (pintado, do verbo *pingere*) + *grama* (escrita) do grego, é a representação de um conceito por meio de uma figura”. São eles, em ordem: uma casa, uma lupa, um sinal de positivo e o triângulo apontando para a direita dentro de uma claquete (“play”). Nesse caso, observamos que cada figura possui um conceito, representando uma ação que pode ser realizada, assim associados ao que representam, tornam-se símbolos que, por sua vez, são socialmente convencionados, logo trazem marcas culturais e sociais. A última imagem é a foto de perfil do próprio usuário, não um pictograma, e pode ser que isso reflita as escolhas dessa rede social, uma vez que teve seu início com uma característica que a distinguia de outras: a postagem de fotos quadradas, demonstrando determinada preferência por fotos, o que pode explicar essa escolha.

Greimas e Fontanille, no Dicionário de Semiótica (2011, p. 464), apontam que Peirce “define o símbolo como fundamentado numa convenção social, por oposição ao ícone (caracterizado, segundo ele, por uma relação de semelhança como referente)”. Isso significa que, para se constituir como ícone, o elemento precisa ter características que retomem o referente, desse modo podem ser associadas mais rapidamente, mas requerem um conhecimento desse referente significativo e, como exemplo de ícones similares, apresentamos A Imagem 2:

Imagem 2 - Ícones de interação (TikTok)



¹⁰ Salientamos que é possível selecionar o tema de uso do celular ao utilizar esses aplicativos, seja no modo claro (indicado para uso durante o dia) e modo escuro (sugerido para utilização à noite), logo, as capturas foram realizadas em aparelho móvel no “modo escuro”, sendo assim, suas cores seguem as preferências desse tema. Como nesse caso, estamos analisando os ícones em si e não suas cores, utilizamos esse tema para demonstração.

Fonte: TikTok, 2023.

Os ícones apresentados na Imagem 2 (página anterior) são usados no aplicativo *TikTok* e favorecem a interação com o usuário. Nesse caso, reconhecemos, primeiro, o ícone de casa (semelhante à imagem anterior); segundo, o de pessoas (há mais de uma pessoa, uma em primeiro plano e a segunda logo atrás); em terceiro, o símbolo matemático de adição; em quarto, um balão de conversa quadriculado com um traço dentro e, por último, uma pessoa sozinha. Diferentemente do *Instagram*, cada ícone tem uma palavra indicativa escrita na parte inferior, em português, permitindo que haja o letramento em português, porque confere a relação entre ícone e palavra, fazendo com que o usuário surdo interaja com a língua, fator importante para a compreensão e acesso, uma vez que nem todos usuários têm familiaridade com esses ícones ao acessarem, pela primeira vez, a plataforma ou uma outra. O advento da internet e das redes sociais provocou uma mudança na forma de percepção da organização dos textos nos meios eletrônicos, pois a diversidade de sistemas semióticos ocupou espaços até então mais restritos ao uso da linguagem verbal, desse modo é necessário pensar também sobre os aspectos do letramento. Kleiman e Sito ressaltam que:

Na última década, presenciamos uma redefinição do conceito de letramento em função de duas dimensões que apontam para ressignificações dignas de registro: em primeiro lugar, a diversidade dos sistemas semióticos e de modalidades de comunicação e, em segundo lugar, a diversidade linguístico-cultural. O conceito de multiletramentos abrange essas duas dimensões, apontando que os textos não se compõem apenas de palavras, mas de múltiplos outros sistemas de significação, como o sonoro, o oral, o gestual, o imagético, o gráfico; ou seja, *o letramento não tem a ver apenas com a escrita*. (Kleiman e Sito, 2016, p. 169-170). (grifo das autoras).

Essa percepção demonstra que, com a diversidade, emerge a necessidade de letramento nos campos próprios das redes sociais, por constituírem um terreno repleto de estímulos, como os apontados pelas pesquisadoras no excerto acima. Um dos propósitos do uso dos ícones é a interação, a agilidade e a rapidez no acesso, por isso uma recorrência no uso desses recursos. Mesmo que os aplicativos tenham maneiras diferentes de acesso, o emprego dos ícones é fundamental para se estabelecer a comunicação e interação com os usuários. Na Imagem 3 apresentamos os ícones que estão presentes na barra inferior do aplicativo *Youtube*,

Imagem 3: Ícones de interação (*Youtube*)



Fonte: Youtube, 2023.

Na barra inferior desse aplicativo, observamos: em primeiro, o pictograma da casa com a escrita abaixo (Início); em seguida, há um triângulo direcionado à direita dentro de um desenho que se assemelha ao S, o que nos leva a pensar a hipótese de que seja em referência ao S da palavra que está logo abaixo (*Shorts*); em terceiro, o sinal de adição dentro de um círculo; em quarto, um símbolo do *play* dentro de um quadrado com linhas verticais acima e abaixo a palavra “Inscrições”, em último, um outro símbolo do *play* com uma réplica à esquerda, tendo escrito abaixo “Biblioteca”. Embora esses elementos estejam presentes no cotidiano dos usuários, é necessário conhecer o uso deles especificamente em cada rede, como também ter um conhecimento dos termos em língua estrangeira, no caso o Inglês, língua predominante nesses espaços.

Outro ponto relevante para esta discussão é o entendimento acerca dos conceitos, pois há duas compreensões acerca da palavra “ícone”. Segundo Santaella, (2009, p. 31): “no campo virtual, os ícones (desenhos ou imagens) são atalhos para um software ou arquivos no computador”, por outro lado Peirce (Santaella, 2005) explicita os objetos do signo como ícones, índices e símbolos. Para o semiótico, um ícone só sugere ou evoca algo porque a qualidade que ele exibe se assemelha a uma outra qualidade, ou seja, sugere por similaridade. Todos os índices envolvem ícones, porém não são eles que dão o sentido, mas indicam algo, como a fumaça indica que há fogo. No caso do símbolo, as convenções sociais é que determinam o papel de leis que fazem com que esses signos devam representar determinados objetos. Em resumo, "enquanto o ícone sugere através de associações por semelhança e o índice indica através de uma conexão de fato, existencial, o símbolo representa através de uma lei" (Santaella, 2005, p. 20).

Diante dessa breve exposição, observamos algumas similaridades no *design* realizado entre as três redes sociais disponíveis em seus aplicativos. Para compreendermos o signo ideológico ali prestado, identificamos que, nas três, o pictograma da casa está presente (significante) e com o mesmo propósito de interação (significante) que é o de se dirigir a página inicial dos *apps*. A escolha de ser o primeiro

ícone pode se dar pelo fato de que é nessa seção que se iniciam todas as demais interações. O segundo ponto de semelhança ocorre pelo sinal matemático de adição (+) estrategicamente posicionado ao meio e com o mesmo intuito: apresentar a ideia de que ali se encontra o local onde o usuário pode adicionar suas próprias publicações, realizar suas postagens de fotos e vídeos. Outro detalhe relevante é como se dá a notificação de que há algo novo em algum dos setores: o ponto circular em vermelho (como observado na Imagem 1, logo abaixo da foto de perfil, e na Imagem 3, acima do *play* em “Inscrições”). Das três barras inferiores analisadas, duas fazem uso não só de recursos visuais, mas também textuais, o que faz com que o usuário relacione o ícone e a palavra.

Essas similaridades não são realizadas de forma aleatória, ao contrário, empreendem sentidos ideológicos a fim de que haja familiaridade por parte dos usuários, tendo como objetivo que sua utilização aconteça por um maior período de tempo e que a interação ocorra de maneira intuitiva, rápida e eficaz. Como discutido em Bakhtin (2014), há a necessidade de ter uma atitude responsiva, “ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele [...] completa-o, aplica-o”. Isso demonstra que, para o desenvolvimento desses aplicativos, todos esses fatores são considerados para que haja respostas positivas por parte dos usuários, pois o tempo de permanência nas redes é um dos objetivos desses espaços, portanto garantir que o acesso seja rápido e eficiente constitui-se uma estratégia importante para a manutenção do usuário na plataforma.

Por outro lado, observamos que, no caso do *layout* do Youtube, a presença do “*play*” é frequente, o que pode ser explicado pelas características desse suporte (Marcuschi, 2008), haja vista que esse aplicativo tem como foco principal a presença de vídeos, porém tendo ainda a possibilidade de resposta em comentários escritos, é o que permite a interação do surdo com a língua portuguesa escrita, desse modo a compreensão dos termos presentes, como o *play*, torna-se mais eficaz. Compreendido como um símbolo de início a vídeos, filmes e músicas, esse símbolo não tem uma origem definitiva, no entanto alguns defendem que inicialmente apareceu como símbolo do transporte de fita em discos de fita de carretel para bobina, tendo sua direção por meio da seta que indicava onde a fita deveria se mover (Nunes, 2023).

O *Youtube*, por sua vez, apresenta uma produção de vídeos da comunidade surda relativamente grande (Souza *et al*, 2023) em comparação às outras, porque seu suporte

propicia melhor espaço para a sinalização da Libras. Como discutido por Marcuschi (2008), o suporte utilizado interfere no texto, uma vez que o “suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto” (Marcuschi, 2008, p. 174), o autor ressalta que o suporte não é neutro e afeta o gênero, o que pode ser considerado ao refletirmos sobre as questões que permeiam a atividade digital, como os algoritmos que podem permitir a criação de determinadas bolhas digitais. Embora esse não seja o objetivo deste trabalho, destacamos que essa deve ser mais uma das responsabilidades do Letramento Digital, uma vez que envolve a curadoria e a consulta da veracidade das informações. Quanto a esse aspecto, Kleiman e Sito destacam

a importância de considerar os letramentos emergentes desses grupos como práticas de multiletramentos. Práticas que, se não inovam nas tecnologias, podem inovar na recriação de gêneros 'secundários' (na terminologia de Bakhtin, assim como nas tradições orais, no uso do espaço e do corpo, nas formas e tradições artesanais e artísticas, tomando para si, ainda objetos e artefatos do "outro" majoritário para fazer emergir e para fortalecer as múltiplas práticas letradas que lhes serão necessárias para interagir com e nas instituições contemporâneas. (Kleiman; Sito, 2016, p. 175) (grifos das autoras).

Considerando essas percepções sobre os gêneros e sobre o *design* e o *layout* desses aplicativos, há a busca de seguir as diretrizes estabelecidas pela *Web Content Accessibility Guidelines* (Diretrizes de Acessibilidade para Conteúdo Web) (WCAG)¹¹, pois conforme o tempo passa, várias atualizações ocorrem nesse documento norteador. Na diretriz número 3 (que tem como tema “Compreensível”), há o objetivo de que a informação e a operação da interface de usuário sejam fáceis de compreender. Dada a nossa atenção à atitude responsiva, mencionada por Bakhtin (2016), notamos que um dos modos que o documento revela ser um critério de sucesso, em relação a esse ponto, é ter a identificação consistente, ocorrida quando “os componentes que têm a mesma funcionalidade em um conjunto de páginas web são identificados de forma consistente.” (WCAG, 2023). Em outros termos, os próprios desenvolvedores procuram utilizar símbolos, ícones e pictogramas de forma consistente a fim de que sua identificação seja

¹¹ Com o intuito de promover um espaço mais acessível a todos, a *World Wide Web Consortium* (W3C), que já é uma empresa que estabelece padrões e diretrizes para a *World Wide Web* (WWW), buscando manter um padrão de interatividade em diferentes plataformas, criou esses direcionamentos para ser mais fácil de entender e conseguir cobrir mais necessidades do usuário, incluindo as pessoas com necessidades específicas, além de ser flexível para lidar com diferentes tipos de conteúdo da web, aplicativos, ferramentas e organizações (WCAG, 2023).

reforçada. Esses estudos podem contribuir não somente com o letramento de alunos surdos, como à própria atuação docente. Como ressaltado por Theo Van Leeuwen, um dos pioneiros nos estudos de leitura visual, ao ser perguntado sobre o futuro de diferentes abordagens no campo da multimodalidade, determina:

Já mencionei a importância de estudar as tecnologias digitais que agora nos fornecem recursos para a representação e para a comunicação multimodal. É importante não só estudar o que as pessoas fazem com esses recursos, mas também, e sobretudo, estudar os próprios recursos – o que nos permitem fazer e o que não nos permitem fazer, ou tornam difícil de fazer. (Van Leeuwen, 2022, p. 181).

Compreender como são estruturadas as redes sociais nos possibilita ter uma ação docente mais contextualizada, considerando não somente os espaços que os alunos podem estar inseridos, bem como introduzi-los ao necessário letramento digital, uma vez que, para participação ativa em diversos segmentos, é preciso conhecer e se apropriar de conhecimentos técnicos para tal. É possível ainda que possamos inserir em nossas atividades ícones, pictogramas e demais recursos visuais para propiciar uma educação que respeite e considere as necessidades específicas dos alunos surdos.

As redes sociais têm sido um espaço em que os aspectos visuais são ressaltados, mas seu cadastro inicial e a interação responsiva feita por meio dos comentários é realizada de forma escrita, fazendo com que os surdos tenham um convívio com a língua portuguesa escrita e com os diversos gêneros da língua, contudo salientamos que há ainda diversos pontos para melhoria, como uma maior utilização de legendas, dentre outros recursos e grande parte dos docentes não têm uma infraestrutura adequada para tal, portanto os estudos precisam voltar-se para os dois campos de interesse.

Considerações finais

As tecnologias estão presentes em todos os espaços sociais, no entanto isso não garante a possibilidade de acesso a todos os usuários de aplicativos, a participação em redes sociais, a utilização de conteúdos dentre outros. Conforme proposto, analisamos quais são os recursos visuais que redes sociais aplicam para a interação de seus usuários e como eles podem ser manuseados para o letramento de Português para surdos. Adicionalmente, reiteramos como a utilização das redes sociais propicia o letramento

digital ou multiletramentos, por se tratar de uma ferramenta incorporada à vida cotidiana, mas que opera com elementos linguísticos específicos.

De acordo com o que analisamos, há uma preocupação por parte dos desenvolvedores em criar interfaces que sejam acessíveis a todos os públicos. Isso é realizado em grande parte pela utilização de ícones e de pictogramas, fazendo com que se crie uma familiaridade com determinados gêneros e a linguagem multimodal expostos nessas plataformas. Dessa forma, é possível que essa familiaridade seja utilizada em materiais didáticos específicos aos surdos, pois o uso de recursos visuais tem se provado uma forma fundamental para a construção de conhecimento e letramento de alunos surdos.

Este trabalho não pretendeu esgotar a discussão sobre o tema, contudo intentou abrir caminho para novas formas de analisar recursos multimodais que já têm sido utilizados pelas redes sociais como modo de persuasão, propiciando reflexões sobre como isso pode ser produtivo na atuação docente colaborativa. Como a pesquisa teve seu recorte propriamente em ícones de interação, outras pesquisas poderão se entender em compreender como ocorre a utilização de cores na identificação visual de aplicativos, dentre outros aspectos.

Pesquisas como esta permitem que haja reflexões sobre as mais diferentes formas de ensinar e sobre as ferramentas que poderão ser utilizadas, visando considerar e respeitar as necessidades específicas dos alunos e reforçando suas potencialidades, entretanto ressaltamos que isso só será possível com maior investimento na pesquisa e na infraestrutura em espaços que se aprofundem na educação bilíngue.

Referências

- ALMEIDA, M. L.; SANTOS, R. M. A. S., & QUEIROZ, A. P. T. Ensino de Português como Segunda Língua para Alunos Surdos: uma proposta didática no Storyboardthat. *Hipertextus Revista Digital*, v. 24, dezembro 2021.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Tradução de Michel Lahud; Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Tradução Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora Hungria, 2016.

BARTON, D.; LEE, C. *Linguagem online: textos e práticas digitais*. Tradução Milton Camargo Mota. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Seção 1, p. 42.

CEALE. <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/tecnologia-digital>>acesso em 25 março 2024.

CETIC (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação). TIC Domicílios. São Paulo, 2021. Disponível em: https://data.cetic.br/cetic/explore/?pesquisa_id=1&unidade=Usu%C3%A1rios Acesso em: 26 jul. 2023.

CETIC (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação). TIC Educação. São Paulo, 2020. Disponível em: https://data.cetic.br/cetic/explore/?pesquisa_id=7&unidade=Escolas%20urbanas%20e%20rurais Acesso em: 23 jul. 2023.

CLAUDIO, J. P. *A cultura dos sujeitos comunicantes surdos: construções da cidadania comunicativa e comunicacional digital no facebook*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2016. Orientador: Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre. 2016. 293 f. Disponível em: <https://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6044>. Acesso em: 16 maio 2025.

COLACIQUE, R. *Visualidades surdas na cibercultura: aprendizagens em rede*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. 245 p.

COSTA, L. V. M.; VARGAS, V. G. L.; SOUZA, S. L. Textos escritos por surdos em mensagens no aplicativo WhatsApp: organização de sentidos e perspectivas de ensino de português escrito como segunda língua. *Revista Sinalizar*, v. 7, p. e74169, 2022.

DANTAS, D. S.; CORRÊA, A. M. de S. Produção de cards para o Instagram: uma proposta de Letramento Inclusivo. *Entrepalavras*, v. 12, n. 3, p. 441-458, 2023.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. *et al. Proposta curricular para o ensino de português escrito como segunda língua para estudantes surdos da educação básica e do ensino superior*. Caderno Introdutório. Brasília: Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação: DIPEBS/SEMESP/MEC, 2021.

- FLORENCIANO, K. A. B.; CÁSSIA, A. R. Desenvolvimento linguístico de crianças surdas: utilização do Youtube como ferramenta—um estudo de caso. *Revista Espaço*, p. 301-321, 2019.
- KLEIMAN, A. B. *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Cefiel/IEL/Unicamp, v. 1, 2005.
- KLEIMAN, A. B.; SITO, L. R. S. Multiletramentos, interdições e marginalidades. In: KLEIMAN, A. B.; ASSIS, J. A. (Orgs.). *Significado e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2016.
- LEEUWEN, T. V. Junho de 2022. Multimodalidade e identidade: entrevista com Theo Van Leeuwen. Entrevista concedida a Fernando Fidelix Nunes, Alex Bezerra Leitão, Janaína de Aquino Ferraz e Laura Nunes Pinto. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v. 23, n. 1, p. 174-182, 2022.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais no ensino de língua. In: MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 143-225.
- MARTINS, G. P. T. C.; MENEZES, L. D. *O programa boardmaker como ferramenta para o ensino de português escrito como segunda língua para surdos: um estudo*. *Revista Arqueiro*, p. 50-59, 2016.
- MENDES, A. P. S.; OLIVEIRA, A. A. *Estigmatização da Escrita do Surdo em Práticas Discursivas do “Youtube”*. Anais dos Seminários Internacionais de Estudos de Linguagens e das Semanas de Letras-FAALC/UFMS, n. 2, p. 123-132, 2020.
- NOGUEIRA, A. S. Práticas de letramento multimodais em ambiente digital: uma possibilidade para repensar a educação de surdos. *Intercâmbio*, v. 28, 2014.
- NOGUEIRA, S. S.; FERNANDES, E. M. da F. Perspectivas do letramento digital na Base Nacional Comum Curricular de Língua Portuguesa para o ensino médio. *Língu@Nostr@*, v. 8, n. 1, p. 48-71, 2020.
- NUNES, M. C. Origens de símbolos comuns em UI. *Medium*, 28 de Out. de 2023. Disponível em: <https://medium.com/@markclaus/origens-de-s%C3%ADmbolos-comuns-em-ui-d23e985fe027>. Acesso em: 30 jul. 2023.
- PAIVA, V. L. M. de O. A linguagem dos emojis. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 55, n. 02, p. 379-401, 2016.
- RIBEIRO, A. E. *Textos multimodais: leitura e produção*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ROJO, R. H. R. *Novos letramentos, tecnologias, gêneros do discurso. Gêneros entre o texto e o discurso: questões conceituais e metodológicas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 127-149, 2016.

SANTAELLA, L. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Thomson, 2005.

SANSÃO, W. V. de S.; CRUZ-SANTOS, A. A visualidade na educação de surdos: uma revisão sistemática da literatura. *Revista Educação*, v. 16, n. 1, 2021. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/4328/3260>. Acesso em: 19 fev. 2022.

SENA, F. S.; MATOS, D. P.; CAVALCANTE, M. C. B. A utilização do WhatsApp como ferramenta motivadora no ensino de língua portuguesa para alunos surdos. *Caderno Seminal Digital*, n. 33, 2019.

SILVA, A. B. de P.; PEREIRA, M. C. da C. O aluno surdo na escola regular: imagem e ação do professor. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 19, p. 173-176, 2003.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOUZA, E. de O.; FARIA, J. G.; LIMA, L. R. De; MARTINS, I. Conteúdo Digital em Língua Brasileira de Sinais: Um Estudo dos Canais Brasileiros de Pessoas Surdas no YouTube. *Comunicação e Sociedade*, v. 43, p. e023001-e023001, 2023.

VIANA, M. M. C.; LIMA, V. S. A escrita da língua portuguesa como segunda língua por surdos nas redes sociais. *Revista de Letras*, v. 1, n. 35.

World Wide Web Consortium (W3C Brasil). WCAG 2.1 – *Diretrizes de Acessibilidade para Conteúdo Web*. Disponível em: <https://www.w3c.br/traducoes/wcag/wcag21-pt-BR/>. Acesso em: 30 de julho de 2023.